

A PRESENÇA DE PERNAMBUCO NA OBRA DE RAUL POMPEIA*

The presence of Pernambuco in the literary work of Raul Pompeia.

Ricardo Japiassu¹

RESUMO

Banido da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, para concluir o curso universitário o escritor Raul Pompeia radica-se no Recife. Primeiro residindo em Caxangá – então arrabalde da Capital – e depois na cidade de Jaboatão. O autor produziu em Pernambuco textos literários que posteriormente foram publicados em jornais cariocas, quando regressou ao Rio de Janeiro, sua cidade natal. Foram crônicas e contos e, sobretudo, os manuscritos de sua obra prima, o Ateneu. Este artigo, portanto, investiga o que o ficcionista escreveu sobre o Recife, quando aqui residia, ressaltando, por exemplo, suas reinvenções sobre os carnavais, especificamente os desfiles de maracatus. Investiga-se, além das Canções sem Metro, obra poética concluída em Pernambuco, todas as manifestações literárias de inspiração pernambucana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Pernambuco. Reinvenção.

ABSTRACT

After drops the Faculty of Law of Largo de São Francisco in São Paulo in order to complete an university course, the writer Raul Pompeia was based in Recife residing at first in Caxangá – a capital suburb – and then neighboring city of Jaboatão. The author literary texts in Pernambuco that were published in Rio de Janeiro newspapers after he returned to Rio de Janeiro, his hometown. He Wrote chronicles, short stories and above it all the manuscripts of his masterpiece, the Ateneu. This article therefore what the fiction witer Raul Pompeia wrote about Recife while in there, emphasizing of example his reinvents on carnivals, specifically the maracatus parades. In additions to the Canções sem Metro, a poetic work completed in Pernambuco, is also investigated all his literary manifestations inspired by the state of Pernambuco.

KEYWORDS: Literature. Pernambuco. Reinvention.

Data de submissão: 10/10/2017

Data de aceite: 26/10/2017

1. INTRODUÇÃO

* Trabalho submetido em 10/10/17 e aprovado em 26/10/17. Para citar este artigo: JAPIASSU. Ricardo. A presença de Pernambuco na obra de Raul Pompeia. *Ciência & Trópico*, Recife, v.42, n. 1, p. 130-139, jan/jul, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/index>>. [v. em edição].

¹ Doutor em literaturas de Língua Portuguesa pela USP; Pós Doutor em teoria literária pela UFPE; Docente na Faculdade Damas da instrução cristã. E-mail: japiassu.ricardo@gmail.com

O ano de 1885 foi incomum para a literatura elaborada em Pernambuco. O que aconteceu foi que o fluminense Raul Pompeia transferiu-se de São Paulo para o Recife, onde concluiria o curso de Direito, com apenas 22 anos de idade. Esta informação precisa me inquietou: além de estudar, o que mais o autor produziu naquele Norte brasileiro de então, como determinava a geografia da época o Nordeste? Chegou a publicar na capital pernambucana? Como observava tudo, espírito irrequieto que era? Debruçando-me sobre toda a obra deste escritor, encontrei a resposta: o Estado influenciou a feitura de textos literários, como crônicas e contos, por exemplo: mas, mais do que tudo, aqui se esboçou a sua grande obra, o *Ateneu*; além disso, aqui foi dado o acabamento nas primorosas *Canções sem Metro*, um luxo.

Apelidado de Rapp, na academia paulistana, desenhista talentoso, elaborou uma charge abolicionista e republicana contra o Diário de Campinas, cidade do interior do estado de São Paulo: esta foi a gota d'água que o fez ser reprovado em exames finais na faculdade do Largo de São Francisco. Por sua vez, o jornal *Microscópicos*, que tinha como redator chefe Silva Jardim, no período inicial de propaganda republicana, recebeu o novo colaborador com o triolet:

Raul Pompeia, pompêia

Entre os heróis da “Comédia”.

Quando a dita está de veia,

Pompêia, Raul Pompeia.

Larga a barca, onde uma teia

Teceste a heróis da Tragédia...

Pompêia, Raul Pompeia,

Entre os heróis da “Comédia” (PONTES, 1935 - p. 66).

Estudioso da vida e da trajetória literária de Raul Pompeia, Eloy Pontes (1935) afirma, em “*A Vida Inquieta de Raul Pompeia*”, que, no Recife, o autor retomaria o trabalho literário de forma inflexível e febril. Tanto assim que, num dos cadernos de anotações do jovem escritor, no referente às suas “*Canções sem Metro*”, encontramos: “Forma definitiva, acrescentando aos originais apenas um verso de Leopardi: La

Ginestra”. Por sua vez, a reprovação de Raul Pompeia e Luís Murat despertou protestos na Gazeta da Tarde – periódico abolicionista, que publicou, ironicamente:

É com mágoa, porém sem desânimo algum, que vamos dar conta ao público de que o nosso colega Raul Pompeia, redator do Jornal do Comércio de São Paulo e estudante distinto do terceiro ano jurídico, acaba de ser reprovado na Faculdade de Direito. Este fato assume, pelas circunstâncias que o revestem, os caracteres odiosos de uma vingança! Raul Pompeia, um dos nosso melhores talentos, jornalista de mérito, abolicionista de coração, levantou contra si a má vontade dessa Faculdade, que, Santo Deus! Não tem regateado aprovações a mais uma incontroversa incapacidade. O nosso amigo fez um ato bom e contavam todos que seguisse regularmente o seu curso. Veio, porém, feri-lo a injustiça. É esse, sem dúvida, o destino que nos espera a todos, uma partida tão bela, tão grande, porém, tão malfadada! Nesta circunstância, dolorosa para todos nós, só lhe diremos: coragem e avante! (p. 136).

A Gazeta de Notícias também protestou. Valentim Magalhães, na seção Notas à Margem, grafou:

“Soube com desgosto, e com desgosto registro neste pequeno memorial das minhas impressões sobre o que me cerca e ante mim passa – que foram reprovados em São Paulo nos *atos* que prestaram do seu terceiro ano de curso – os Srs. Raul Pompeia e Luís Murat. Estes dois nomes são conhecidos. Raul Pompeia é um polemista de pulso e um belo temperamento de romancista. [...] Tenho certeza de que Pompeia há de ser uma glória do romance nacional. [...] Hoje Raul Pompeia é dos moços mais conhecidos de São Paulo, popularmente estimado. Redigia o Jornal do Comércio até pouco tempo. Daí, talvez, a causa de sua bomba. Raul é de uma índole inquieta, entusiástica, cheio de vida, fanático pelo movimento, pela luz, pelos grandes ruídos. [...] Está com a imortalidade garantida a mesa reprovadora e vingadora do terceiro ano” (PONTES, 1935 – p. 137-139).

Depois de uma greve, segue para Pernambuco, zarpando do Rio de Janeiro, aonde chegaria antes do Natal de 1884. É o pesquisador e estudioso do autor, Eloy Pontes, quem informa da partida de 94 acadêmicos reprovados em São Paulo que embarcaram para o Recife. Aqui, o jovem republicano e abolicionista, informa Eloy Pontes, concluiria os dois últimos anos do curso de Direito num só ano letivo. Ele acrescenta ainda que a cidade acolhera o grupo com prevenção, sem alugar casas aos estudantes. “Recife, de resto, era cidade pacata, tardigrada e burguesa. Ainda no regime das mucamas, dos pajens, dos cocheiros pernósticos, a população não se afastara da vida medíocre, de confortos fáceis”. (Op. cit. p. 156). Em carta ao amigo Luís Labre, Raul Pompeia comenta:

As cartas devem me ser endereçadas para a posta restante, visto que eu moro em um lugar que não vão os carteiros. É um ponto muito distante da cidade, denominado Caxangá [...] para onde se vai de trem de ferro, o qual atravessa em uma hora de viagem a distância de cerca de três léguas do tal sítio. É um lugar agradabilíssimo e magnífico para o estudo, pelo sossego campestre que aí reina. A minha residência é um hotel de preços cômodos e de *cômodos* perfeitamente em harmonia com os preços. [...] Quanto à beleza fisionômica da paisagem, nada se pode querer melhor do que as

vizinhas do meu hotel campestre. No Recife o assunto do dia são as eleições Nabuco e Portella. [...] O povo pernambucano é decididamente um povo heroico. [...] A cidade do Recife é uma bela cidade, dentro da qual faz três voltas o rio Capibaribe. [...] Desejo-te novamente boas festas para o Natal e Reis, e peço-te que não esqueças o am”p. 156 a 158).

Vale ressaltar que sobre Joaquim Nabuco o autor retomaria muitas vezes a palavra dele em outras crônicas políticas, publicadas, sobretudo, pelos jornais cariocas. Chegando à capital antes dos folguedos natalinos, data que marcaria a feitura à pena de Raul Pompeia, escreveu um longo conto, diferentemente de sua vasta produção neste gênero, intitulado “*O Natal*”, a que retornaremos mais adiante.

2. NO VAPOR PARÁ

O vapor Pará levou os estudantes do Rio de Janeiro ao Recife, fazendo o percurso em oito dias, com escalas em Vitória, no Espírito Santo, Salvador e Maceió, onde Raul Pompeia desembarcou e pôde alimentar-se à vontade, recuperando-se dos enjoos que lhe causara a comida de bordo. A chegada no fim do ano ocorreu em concomitância com o surto de febre amarela, debelado principalmente nos meados de 1885. Muitos fugiram para os arredores do Recife. Refugiando-se em Jaboatão – hoje Jaboatão dos Guararapes – envia outra carta a Luís Labre.

“Acabo de ter notícias por uma carta que neste instante me entregaram, em Jaboatão, pequena cidade a três léguas do Recife, na qual a rapaziada de São Paulo, afugentada pelas febres, agora reside. [...] A febre vai desaparecendo completamente do Recife. Desgraçadamente, não se foi sem levar queridos companheiros, como o pobre Gervásio Martins, cujos derradeiros instantes presenciei, para fechar-lhes os olhos. [...]” (PONTES, 1935 – p. 158).

Por conta dos estudos excessivos e das intempéries da natureza, o jovem esquece temporariamente o republicanismo e o abolicionismo, mas somente por um tempo. Radicado em Jaboatão, já de temperamento melancólico, ele mergulharia numa profunda depressão após estes acontecimentos. Isto se reflete claramente nos seus textos: “*Alma Morta*” e “*Canções sem Metro*”. Ambos revelam pessimismo corrosivo e surpreendente para um jovem de apenas 22 anos. Segundo o companheiro de viagem, Rodrigo Otávio, as “*Canções sem Metro*”, iniciadas em São Paulo em 1884, foram buriladas no hotel da Caxangá – localidade hoje conhecida como Sertãozinho da Caxangá – no ano seguinte, à beira do rio Capibaribe. Escreveu, acrescentando à obra “*Canções sem Metro*”, um texto que intitulou Rugidos do Mar:

“ - *Words, words, words...*

Realmente, como são vãs e nulas as palavras!

Homem, universo, vida, natureza... Qual o significado desta tecnologia obscura?

A sabedoria dos séculos acumulou vocábulos e vocábulos definindo o mundo por um sistema pretensioso de sons. Sob a combinação cromática das sílabas, como no invólucro impenetrável das suas aparências, o mundo vive e persiste, indefinido sempre, absurdo e misterioso.

A investigação dos vocábulos, arrogante e impotente, ruidosa e revoltada, levanta-se, ofega, arroja-se e retrai-se – cóleras doudejantes do mar, assanhado contra o promontório. O mistério, acoutado nas trevas, vai zombando do embate.

Vocifera a brama do Oceano. O seu destino é esse, o destino da rocha é resistir. Tanto vale, em suma, a energia do granito, como a impotência do mar.

Rugem as ondas e tombam... por que não vencem?

E a pedra... por que triunfa?...

Vãs e nulas são as palavras, Hamleto; mas a obscuridade que as degrada é essa mesma sombra invulnerável e tremenda, alma negra do universo, tormento perpétuo do teu cérebro.

Recife, abril de 1885”. (POMPEIA, 1982 - p. 125)

Também escrito em Jaboatão ainda em 1885, ele acrescenta ao lapidar das “*Canções sem Metro*”:

“*A pedra do alicerce (tentando em vão sacudir o edifício)*:

– Como é pesada esta opressão do orgulho! A força dos ásperos flancos chega-me apenas para sustentar a mole da opressão! Terrível sina! – suportar!... Mas, eia!... pedra maldita e triunfante, resta-me a compreensão do ódio. Oprime! Oprime! Granito são os teus majestosos dragões esculpido, como este informe rochedo subjugado; resta-me a convicção audaz de que, trocando as posições, eu saberia, igualmente, transformada e exaltada, sopear-te, alicerce indigno da luz, e triunfar!”. (Op. cit. - p. 143).

3. CRÔNICA

Aqui na capital pernambucana, é impossível deixar de apreciar o intenso trabalho de cinzelamento dos textos, o mesmo que se encontra na crônica “*O Carnaval no Recife (Impressão de Viagem)*”, publicada pela primeira vez pela Gazeta da Tarde, do Rio de Janeiro, a 10 de março de 1886, ano seguinte à partida de Raul Pompeia do Recife. O autor faz uma observação arguta do folguedo pernambucano, dando um recorte especial à manifestação do maracatu.

“Antes das seis horas, o Carnaval tem conquistado a cidade.

A massa viva dos transeuntes perde o primitivo aspecto geral de negrume, à invasão das cores claras que surgem de repente, como nascidas da calçada. Modifica-se de todo a fisionomia das ruas e das praças. [...]

Por toda parte o *maracatu*.

O uniforme desses originalíssimos bandos de foliões é uma combinação do branco com todas as cores possíveis. O branco em dois terços, na proporção”. (LEAL, 2011 - p. 28-29).

Ele observa, com olhar impressionista, o Capibaribe:

“À medida que se vai cerrando o crepúsculo, um daqueles límpidos crepúsculos do Norte, cerra-se igualmente a tempestuosa nuvem de polvilho”. (Op. cit. p. 30).

Raul Pompeia também observa a imagem da população resplandecendo nas águas do mesmo rio.

Outro folgado bem vislumbrado e observado por Raul Pompeia é o Natal, como já o disse, sobretudo no arrabalde da Várzea, freguesia situada a uma légua do Recife. O autor se embebe dos ensaios dos pastoris, das pelejas entre os cordões encarnado e azul, com a Diana no meio e redige o conto “*Natal*”, publicado originalmente pela Gazeta de Notícias, a 1 de janeiro de 1886. Aí se lê: “Touca-se de branco a natureza para essa festa de candura”. (POMPEIA, 1981 - p. 158). Neste mesmo conto, ele não deixa de registrar, voltando o olhar à diferença social, os natais dos meninos pobres, que não ganham presentes, e aqueles dos europeus, marcados pela beleza da neve. Como o próprio autor ressalta, aqui há um esplendor de cores, primavera permanente. Ao leitor, sensibiliza:

“Nada falta em roda, nem mesmo o episódio mínimo e ignorado do mendigo de seis anos, que espia à noite pelas vidraças as crianças felizes a folgar, no agasalho das casas ricas, festejando o advento de Deus ao mundo, olha de fora o paraíso vedado e morre ao romper do dia, morre de frio, invejando perversamente aquilo”.

4. IMPRESSIONISMO

Residindo no campestre Hotel Dona Maria, às margens do Capibaribe, é Raul Pompeia quem concede detalhes pitorescos, tinturas impressionistas da paisagem. Em um texto de 1885 escrito no Recife, há reminiscências da Caxangá: “[...] O sol matinal enchia a paisagem de sanguíneas modulações de colorido, variadas infinitamente desde

o vermelho violento das barreiras que pareciam sangrar, batidas de chapa pela luz, até os verde-rosa dulcíssimo dos campos abertos no horizonte e o rubro virginal dos tênues vapores dispersos, flutuando à flor das águas, rio à fora (sic), sobre o Capibaribe... Inácio Ramos inebriava-se a ver acordar a natureza, tonificada por aquele sol de sangue do amanhecer. [...]” (PONTES, 1935 – p. 161).

No retiro da Caxangá, entre livros de direito e preocupações literárias, Pompeia só de leve se sensibilizaria com as agitações da academia: pouco ia às aulas, não participava dos movimentos estudantis, não escrevia para os jornais acadêmicos e concentrava-se no estudo para vencer os dois anos do curso em apenas um, conquistando assim o canudo de bacharel. Camil Capaz, estudioso e biógrafo do autor, acrescenta: “Vez por outra, ia ao Recife para assistir às festividades populares que tanto o fascinavam, por sua originalidade, por seu colorido, e pelo que tinha de representativo de tradições conservadas através do tempo entre as camadas mais humildes da população”. (CAPAZ, 2001- p. 69).

Na academia recifense, ele entra em contato com o pensador sergipano Tobias Barreto, que não o impressionou tanto. O que marcava a passagem de Raul Pompeia pelo Recife, além da discrição, era o labor literário. Pelo caderno de notas íntimas que sobreviveu à morte antecipada do autor, pode-se concluir que o *Ateneu* vinha sendo arquitetado em Pernambuco. “Nesse caderno anotara as ideias, que deveria associar, mais tarde, no romance”. (PONTES, 1935 - p. 176). Conta Rodrigo Otávio, seu companheiro de república, que Raul Pompeia gastava noites em brunir e acepilhar as “*Canções sem Metro*” e já esboçava o romance que o consagraria, contendo a substância da obra-prima que o faz célebre até os nossos dias. Dona Rosa Pompeia, mãe do escritor, confiaria anos depois ao amigo Luís Labre o romance para publicar, extraviando-se o manuscrito. Em 1885, ainda no Recife, ele escreveu o conto “*Mocinha*”, publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro pela Gazeta de Notícias, a 29 de julho de 1888. Trata-se de um texto reflexivo com lastros de pendores morais.

Arsênio foi feliz. Fez-se ativo, formou-se, montou casa e começou a advogar no escritório do sogro, um dos mais procurados juristas do Recife.

Dous anos completos, recebeu ele uma carta de intriga anônima.

Veria logo que era uma calúnia infame quem soubesse a calma dos beijos da esposa, quando o advogado entrava do escritório, e o pressuroso carinho que provocava a mínima sombra de preocupação suspeitada e o longo abraço que estreitava à noite, forte como a virtude, firme como a fidelidade (POMPEIA, 1981 – p. 224).

5. ATENEU

O romance “*Ateneu*” foi publicado originalmente quando Raul Pompeia contava 25 anos. Sobre o romance, o precursor do Modernismo no Brasil, Mário de Andrade, escreveu:

O *Ateneu* não é menos naturalista que os seus êmulos brasileiros. E admiravelmente, com hábil consciência técnica, Raul Pompeia soube ajustar a brutalidade de escola ao seu assunto, que era, por natureza, menos brutal. Porém, mesmo assim, não deixou de botar inutilmente no livro um assassinio e um incêndio. O *Ateneu* representa um dos aspectos particulares mais altos do Naturalismo brasileiro (IVO, 1963. p. 21).

Há quem diga, como Eugênio Gomes, que se trata, de forma muito ressaltada, de uma obra impressionista. Na minha visão, as duas características se interseccionam. Há, sobretudo, uma presença pernambucana entre personagens cultos e ações de engajamento político, o que veremos mais adiante.

É Lêdo Ivo (1963), também pesquisador da vida e obra de Raul Pompeia, quem escreve:

É o *Ateneu* um romance poemático, muito mais próximo do realismo mágico dos nossos dias do que do naturalismo de um Zola; muito mais perto do impressionismo moderno de um Alain Fournier, de um Jean Giraudoux e de uma Virgínia Wolf, pelo seu empenho em capturar o fluir do tempo e da memória e de exprimir a fusão das almas e dos lugares, do que dos programas tabelionáceos de tumultuário levantamento do documento social e humano e das ilusões do romance experimental. E sem nenhum vínculo com as efusões líricas dos romances “poéticos” de seu predecessor José de Alencar (p. 59).

Em “*Ateneu*”, encontramos:

“Acabava de matricular-se Nearco da Fonseca, pernambucano de ilustre estirpe.

Apresentou-se com o pai, vulto político em galarim no tempo. Era um mancebo de dezessete anos, rosto cavado, cabelos abundantes de talento não comum, olhar vivo, moroso de importância, nariz adunco, avançado, seco, quase translúcido com um nariz de vidro. Franzino como a infância desvalida, magro como uma preleção de osteologia, surpreendeu-nos, entre outras, uma recomendação a seu respeito, pelo próprio diretor às barbas do pai: - Nearco da Fonseca era um grande ginástico!” (PERRONE-MOISÉS, 1988- p. 138).

E acrescenta:

“O futuro tinha reservado para Nearco um feixe de melhores palmas, uma galhada de louros mais legítimos como tempero de vitória.

O *Grêmio Literário Amor ao Saber*, instituição recente, seria o verdadeiro teatro dos seus soberbos alcances.

Duas vezes ao mês congregavam-se os amigos das letras, numa das salas de cima; a mesma das lições astronômicas de Aristarco. Havia ainda para iluminar as sessões pedaços de matéria cósmica pelos cantos, esfrangalhada pela análise do mestre. Não quer dizer que merecesse as eternas luminárias da ironia a benemérita associação”. (p. 141).

Segundo Cláudio Murilo Leal, pesquisador do romancista, “*Ateneu*” e os poemas em prosa “*Canções sem Metro*” são considerados obras-primas da nossa literatura, sendo o primeiro, como informamos, gestado no Recife e, o segundo aqui burilado. Na opinião do mesmo Cláudio Murilo Leal, na qualidade de cronista, Pompeia também refletiu sempre o seu temperamento arrebatado, sempre na qualidade de escritor impressionista e poeta visionário.

6. LITERATURA MEMORIALISTA

Por ocasião da chegada de Nearco no *Ateneu*, garoto inteligente e vivo, filho de um velho político de Pernambuco, aconteciam as reuniões culturais do Grêmio Literário Amor ao Saber. Nearco, durante as polêmicas culturais do grêmio, responde brilhantemente a perguntas que lhe são dirigidas, proferindo um discurso cheio de clichês: “Aquilo faria rir a Pompeu no armário das lendas e a maledicência do senado, comprometendo-se a seriedade secular do *homem que foi, viu e venceu*”. (PERRONE-MOISÉS, 1988 - p. 192).

Desse modo, pode-se afirmar que em “*O Ateneu*” há uma mistura das experiências vividas por Pompeia no Colégio Abílio e no Colégio Pedro II, retratadas através do protagonista Sérgio. O autor estudou no primeiro entre 1873 e 1876 (dos 10 aos 13 anos) e no segundo entre 1877 e 1880 (dos 14 aos 17 anos). A redação final do romance aconteceu entre janeiro e março de 1888, quando contava 25 anos. Nesse mesmo ano, foi publicado pela Gazeta de Notícias (entre 8 de abril e 18 de maio). Somente tendo as memórias, em certa medida traumáticas, bem vivas e enraizadas dos sete anos passados em ambos os colégios é que foi possível escrever, como diz Mário de Andrade, esse *marco do romance brasileiro e legítima obra-prima* em cerca de três meses (DE ANDRADE, 1972, p. 173).

Por fim, ainda muito jovem, Raul Pompeia suicida-se, no Natal de 1895. Figura destacada da geração que deu grandes valores, espírito inquieto e vibrante, afirmara-se, em 1888, com o *Ateneu*. Batera-se pela Abolição e pela República. Suicidou-se aos 32

anos. Seu bilhete, dirigido ao jornal para o qual colaborava gratuitamente, atesta: “À Notícia e ao Brasil declaro que sou um homem de honra”.

REFERÊNCIAS

CAPAZ, Camil. *Raul Pompeia – Biografia*. São Paulo: Cryphus, 2001.

DE ANDRADE, Mario. *Aspectos da literatura brasileira*. Martins, 1972.

IVO, Lêdo. *O Universo Poético de Raul Pompeia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

LEAL, Cláudio Murilo (Org.). *Raul Pompeia*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda., 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *O Ateneu – Retórica e Paixão*. São Paulo: Brasiliense-EDUSP, 1988.

POMPEIA, Raul. *Crônicas do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Literatura Comentada*. São Paulo: Editora Abril, 1981.

PONTES, Eloy. *A Vida Inquieta de Raul Pompeia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.